

**POR UMA GÊNESE DO GRUPO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO
INTERCULTURAL (GPEI): ITINERÁRIOS EPISTÊMICOS DESCOLONIZADORES**

**FOR A GENESIS OF THE INTERCULTURAL EDUCATION RESEARCH GROUP
(GPEI): DECOLONIZING EPISTEMIC ITINERARIES**

**POR UNA GÉNESIS DEL GRUPO DE INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN
INTERCULTURAL (GPEI): ITINERARIOS EPISTÉMICOS DESCOLONIZADORES**

GILBERTO FERREIRA DA SILVA

Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural
gilberto.silva@unilasalle.edu.br

Resumo

Este ensaio autobiográfico, tem por objetivo resgatar, sistematizar e refletir desde o que a memória permite, sobre um itinerário que acabou constituindo e forjando a consolidação de um grupo de pesquisa no interior de uma universidade de cunho comunitário. Lança-se mão de um modo de escrita que se movimenta por entre a valorização da subjetividade e das relações que foram se estabelecendo no processo. A escrita autobiográfica é compreendida como o exercício de descrever dinâmicas interiores, explorando e reconhecendo na subjetividade o potencial criativo e, portanto, valoriza-se um itinerário que é construído no ato mesmo da experiência, nesse sentido ele é mais instituinte do que instituído. Ganha relevância a perspectiva da descolonização do pensamento (e das subjetividades), como uma prática que impulsiona ao encontro consigo mesmo (autobiográfico) e abre-se para o com quem e o onde se está (geopistêmico). O ensaio destaca o reconhecimento da existencialidade como elemento fundante do trabalho coletivo e a horizontalidade como estratégia de construção de pertencimentos identitários. Enfatiza a sensibilidade e a abertura como dinâmicas que possibilitam o abrir-se para modos outros de conhecer e produzir conhecimentos, podendo e devendo ser experimentados no cotidiano, arena em que se revela potencialmente a existencialidade.

Palavras-chave: Formação de Professores. Grupo de Pesquisa. Conhecimento Coletivo. Metodologias Participativas. Educação Descolonial.

Abstract

This autobiographical essay aims to rescue, systematize and reflect, from what memory allows, about an itinerary that ended up constituting and forging the consolidation of a research group within a community university. We use a way of writing that moves between valuing subjectivity and the relationships that have been established in the process. Autobiographical writing is understood as the exercise of describing inner dynamics, exploring and recognizing a creative potential in subjectivity. Therefore, an itinerary that is built on the very act of experience is valued, and in this sense it is more instituting than instituted. The perspective of the decolonization of thought (and subjectivities) gains relevance as a practice that encourages the encounter with oneself (autobiographical) and opens up to whom and where one is (geopistemic). The essay highlights the recognition of existentiality as a founding element of collective work and horizontality as a strategy to build identity belonging. It emphasizes sensitivity and openness as dynamics that make it possible to open up to other ways of knowing and producing knowledge, which can and should be experienced in everyday life, an arena where existentiality potentially reveals itself.

Keywords: Teacher Education. Research Group. Collective Knowledge. Participatory Methodologies. Decolonial Education.

Resumen

Este ensayo autobiográfico tiene como objetivo rescatar, sistematizar y reflexionar a partir de lo que la memoria permite, sobre un itinerario que terminó constituyendo y forjando la consolidación de un grupo de investigación dentro de una universidad comunitaria. Se hizo uso de una forma de escritura que se mueve entre la valorización de la subjetividad y las relaciones que se establecieron en el proceso. La escritura autobiográfica se entiende como el ejercicio de describir dinámicas internas, explorar y reconocer en la subjetividad el potencial creativo y, por lo tanto, se valora un itinerario que se va construyendo en el acto mismo de la experiencia, en este sentido es más instituyente que instituido. La perspectiva de la decolonización del pensamiento (y de las subjetividades) adquiere relevancia, como una práctica que fomenta el encuentro con uno mismo (autobiográfico) y se abre para el con quién y el dónde se encuentra (geopistémico). El ensayo destaca el reconocimiento de la existencialidad como un elemento fundador del trabajo colectivo y la horizontalidad como una estrategia para construir

pertenenciasidentitarias. Destaca la sensibilidad y la apertura como dinámicas que permiten abrirse a otras formas de conocer y producir conocimiento, que pueden y deben experimentarse en la vida cotidiana, una arena en el que potencialmente se revela la existencialidad.

Palabras clave: Formación del Profesorado. Grupo de Investigación. Conocimiento Colectivo. Metodologías Participativas. Educación Decolonial.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo, denominado de ensaio autobiográfico, tem por objetivo resgatar, sistematizar e refletir desde o que a memória permite, sobre um itinerário que acabou constituindo e forjando a consolidação de um grupo de pesquisa no interior de uma universidade de cunho comunitário. Lançando mão de um modo de escrita que se movimenta por entre a valorização da subjetividade e das relações que foram se estabelecendo no período em questão, o texto percorre, se insere e se produz em uma temporalidade. No dizer de Delory-Momberger (2012, p. 524): “a inscrição forçosamente singular da experiência individual em um tempo biográfico se situa na origem de uma percepção e de uma elaboração peculiar dos espaços da vida social”. Portanto, trabalhamos aqui com a experiência e com os sentidos que ela provê na existencialidade, apostando que o ato de rememorar, escavado nas lembranças agregue sentidos novos ao que já foi vivido.

A escrita autobiográfica é compreendida como o exercício de descrever dinâmicas interiores, explorando e reconhecendo na subjetividade o potencial criativo e, portanto, valoriza-se um itinerário que é construído no ato mesmo da experiência, nesse sentido ele é mais instituinte do que instituído. Uma das inspirações para este tipo de escrita encontra nas práticas da oralidade e no uso da memória, campos que têm sido exercitados de forma fértil por povos ameríndios e afro-diaspóricos para a manutenção de tradições e histórias de seus grupos sociais. No processo de organização da experiência, via a sistematização escrita, alimentada pelo o que a memória permitiu preservar, conta-se a história do nascimento e consolidação de um grupo de trabalho em meio acadêmico.

Fala-se desde um contexto institucional, profissional e existencial, que encontra amparo na lógica de funcionamento e organização de um programa de Pós-Graduação em educação, nas tessituras do trabalho entre orientador e orientandos e a busca por construir coletividades no exercício da prática da pesquisa via a configuração de um coletivo, denominado de Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural/GPEI), assim esse conjunto

acaba ampliando a relação orientador e orientando para outros sujeitos que afetados pelo movimento, agregam-se. São professores da educação básica, pesquisadores formados, ou simplesmente interessados nos estudos dos temas postos em evidência e dos modos de organização que vão se arquitetando.

Ganha relevância a perspectiva da descolonização do pensamento (e das subjetividades), como uma prática que impulsiona ao encontro consigo mesmo (autobiográfico) e abre-se para a produção do conhecimento desde com quem e onde se está (geopistêmico). Deste lugar de conhecimento, onde a pergunta de Silvia Rivera Cusicanqui “¿Cómo hemos pensado y problematizado, desde aquí y ahora, el presente colonizado y su superación?” (2010, p. 55) é que vai provocando o instituir-se de modos outros para (re)pensar ciência, conhecimento e sua produção, para então, seguindo o que reivindica Grada Kilomba “demando uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas – não há discursos neutros” (2019, p. 58). Há uma espécie de esforço por voltar-se para ver o outro, mas não um outro como objeto de estudo meramente, mas um outro colega, parceiro, companheiro de trajetória formativa, que está aí constituindo e construindo junto uma experiência de estar sendo. Eduardo Viveiros de Castro sintetiza o que estamos a dizer: “... sob a máscara do outro somos “nós” que estamos olhando para nós mesmos -, acabamos por tomar o atalho que nos leva ao que realmente, no fim e no fundo, nos interessa, a saber: nós mesmos” (2018, p. 21).

A dinâmica que acaba por converter a escrita deste trabalho em uma arquitetura textual comporta três seções. A primeira delas volta-se para revisitar a gênese, o princípio de um itinerário. A segunda seção torna visível as estratégias que foram sendo criadas para que a forja de um grupo de pesquisa fosse ocupando espaço e fazendo sentido nas existencialidades postas em relação no coletivo que se instituíam. A terceira seção exercita a retomada do que denominamos aqui de andarilhagens do coletivo que acabaram por estimular e criar o espírito de pertencimento ao coletivo em construção. O texto finaliza apresentando, em formato de síntese, alguns dos aprendizados que o ensaio autobiográfico permitiu construir como resultado deste voltar-se para itinerários próprios.

A GÊNESE DE UM PROCESSO: (RE) CRIAÇÕES DA ORIENTAÇÃO NO PÓS-GRADUAÇÃO

Este texto registra e, ao mesmo tempo, tem sua gênese, quando na boa e velha prática de orientação do Pós-Graduação dois sujeitos procuram, através dos escritos partilhados previamente, compreender o que busca o orientando, na esperança de encontrar alento para suas aspirações no que o orientador faz e preocupa-se como objeto de estudo. Um texto primeiro, serve de mediação para um diálogo que se inicia de forma vigorosa, fluída e vai ganhando cores, ainda que o texto mediador, primeiro, fosse marcado por um horizonte de sentido que encontra na moldura clássica do pensamento ocidental eurocêntrico, as formas que preenchem todo o espaço delimitado pela moldura. A filosofia clássica e seus representantes, partindo da Grécia Antiga e chegando até os mais renomados filósofos europeus contemporâneos, perfazem o conteúdo que preenche, em um primeiro momento, de forma competente e academicamente reconhecida, o prenúncio de uma tese de doutorado de peso, rigorosa, traduzida no domínio com maestria de conceitos, igualmente clássicos, repetidos e desdobrados de forma incessante.

O encantamento inicial provocado no orientador, é atravessado de forma visceral pela pergunta que brota quase que natural, borbulhando, vindo à tona sem pedir licença: um pouco do pensamento latino-americano seria possível? Um pouco de escuta do que outros modos e formas de pensar, historicamente deixados à margem do pensamento pretensamente hegemônico e absoluto que esta filosofia, tida como clássica representa, seria ousado demais? Talvez as Epistemologias do Sul (SANTOS, 2009; SANTOS, MENESES, 2010) poderiam oferecer a resposta para a possibilidade de um outro pensamento, sem criar tanto impacto epistêmico e assim dialogar com esta “tradição” tão consagrada no meio acadêmico distribuídos nos quatro cantos do planeta. Entretanto, o que parecia borbulhar era um “pensamento outro” e não um “outro pensamento”. Esta distinção não se apresentou de forma nítida naquele momento¹. A inversão para um pensamento outro parecia de algum modo apaziguar, ao menos momentaneamente, aquilo que a razão insistia em enquadrar.

Algo latente começou a ganhar forma, a ocupar espaço, a tornar-se visível. Iniciou-se então, a busca por algo que não tinha um nome, um conceito, que não era uma teoria, um

¹ Passados alguns anos deste episódio, é que se pode, agora no ato da escrita que rememora, fazer as tessituras e conexões entre as intuições e o que havia disponível na literatura. Para nossa (orientador e orientando) satisfação entrou-se em contato com esta distinção desde Abdelkébir Khatibi. Para maiores informações sugere-se a leitura do texto de Merino (1995) que pode ajudar na compreensão do lugar ocupado por este filósofo africano.

“paradigma”, algo que, com o passar do tempo, foi sendo traduzido como um “projeto político existencial”. Era preciso escavar na própria história de formação profissional e acadêmica para procurar localizar brechas, dobras, espaços intervalares que foram ficando de forma opaca, não porque fossem opacos, mas porque, talvez, naquele momento, não se tinha luminosidade suficiente para compreender o que se apresentava. Mas agora, munido de um apetrecho/utensílio curiosamente impulsionador, este espaço opaco, na própria história de formação, ganha materialidade.

Um primeiro arremesso conduz para o fim da tese de doutoramento do orientador (SILVA, 2001). Para além das conclusões que o estudo apresentou, um outro aspecto emergiu. Denominado de “autores diaspóricos” percebeu-se que havia algumas vozes no conjunto da literatura trabalhada. Vozes que destoavam do discurso linear, meramente racional. Parecia estar aí um outro discurso que se imiscuía por entre as outras vozes hegemônicas, quase que sussurrando, possibilidades “outras”. Vozes que carregavam mais do que pensamentos bem estruturados, mais do que mensagens e ideias construídas e arquitetadas de forma competente e racional. Essas vozes carregavam marcas existenciais de experiências vivenciais que, de algum modo, se tornavam visíveis (perceptíveis) na leitura dos textos, revelando sentidos que, de alguma maneira, superavam, os produzidos pela análise acadêmica. Sobre isso que me refiro, exemplifico: Néstor García Canclini (Argentino exilado no México, fala de um hibridismo cultural que impulsiona o pensar), Homi Bhabha (Indiano vivendo na Inglaterra, estimula com a ideia de entre-lugar), Michel Wieviorka (Polonês vivendo na França, explora o fenômeno do racismo); Anthoni Appiah (Angolano vivendo nos Estados Unidos da América, revela uma multiculturalidade por dentro, pelo interior de sua própria trajetória pessoal) e Stuart Hall (Jamaicano vivendo na Inglaterra, aporta ideias sobre identidades culturais em movimento). Todos apresentam uma característica em comum: o deslocamento que desterritorializa, seja mobilizado por perseguição política, por lutas internas (étnicas) de suas nações, por questões econômicas, ou mesmo, pela busca de melhores condições de vida. Esta dinâmica experiencial faz com que a experiência do deslocamento cultural e o processo de pertencimento nacional seja revisitado e ressignificado, característica de fácil percepção na leitura dos textos destes autores. E é justamente aqui que observo o resultado na produção de uma escrita acadêmica que não se rende exclusivamente à construção de arranjos analíticos racionais, mas que revelam nutrir-se da experiência própria para pensar os grandes fenômenos contemporâneos tais como

o racismo, as guerras, o preconceito e a fome. Produzindo assim, um texto marcado por uma escrita que identifico como “sanguínea”, seguindo o que Mills (2009) tão bem preconizou. São inspirações no sentido stricto da palavra, inspirações que deslocam para outros territórios, como se abrissem espaço para que o pensamento pudesse se materializar na escrita de maneira mais livre, menos aprisionada a cânones pré-definidos. Aqui reside um aspecto, como se afirmou na introdução deste texto, se quer que a própria construção da escrita possibilite o revisitar e o ressignificar da experiência. Assim, o autorizar-se a escrever, constitui-se um ato de descolonizar a/o pensamento, pois como bem descreve Kilomba: “quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor ‘validada/o’ e ‘legitimada/o’ e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (2010, p. 28).

O retorno pela memória a estes autores diáspóricos acende o interesse por retomar de forma mais incisiva o estudo de novas possibilidades de pensar a diversidade cultural, a educação, a formação de professores, a multiculturalidade e a própria interculturalidade, assim como, o trabalho de pesquisa em grupo, dos estudos em coletivo, para além do simples cumprimento de formalidades curriculares do Pós-Graduação. Das orientações individuais com um orientando de doutorado, dos movimentos de aprendizado que se iam forjando, ainda que acelerados, outros movimentos foram sendo acionados. Na medida que na orientação, os diálogos mobilizavam leituras e buscas, ao mesmo tempo, outros orientandos foram sendo “contaminados” pela necessidade de buscas mais intensas, mais pontuais, direcionadas, aos poucos, para um coletivo que foi sendo mobilizado. Orientandos e orientandas que igualmente traziam suas histórias existenciais, diversas, marcadas por temporalidades distintas², somando-se a um coletivo que se institui em movimento.

Aliar estrutura acadêmica curricular com as demandas clássicas de cumprimentos de créditos e outras exigências técnicas e curriculares se apresentou como desafio a ser vencido. Diante disso, estratégias foram sendo construídas, impulsionadas pela necessidade desse coletivo que emergia. Aqui cabe evidenciar que ao assumir o lugar do “não saber” como conduzir um processo de trabalho que se sustentava, essencialmente na relação orientador-orientado, implicou em uma desconstrução e deslocamento de lugar. Implicou na assunção e na

² Atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação há mais de 10 anos, o desejo de colocar em funcionamento ativo um grupo de pesquisa estava instalado, porém o “não saber” como fazer isso, caminhos ou estratégias para colocar em movimento criavam uma certa “sensação de insegurança”.

tomada de ciência que a partir de uma posição que igualava orientador e orientandos, poderia se construir uma relação que apontava para outros horizontes, nesse caso, dar conta das aspirações que despontavam de estudos orientados que começaram a ganhar maior robustez. Como bem dizem Costa, Silva, Souza: “É fato que, na relação orientador/orientando, há uma hierarquia dos papéis sociais desempenhados. Contudo, essa relação não deve estar fundamentada em uma perspectiva autocrática na qual o discente está submetido às vontades do orientador” (2014, p. 844). Para tanto investiu-se na construção de uma relação em que a horizontalidade assume um lugar que permite trocas e aprendizagens mútuas. Desse realocar de lugares, de poder ver o outro como parceiro, cúmplice na busca por conhecer, na aventura de fazer pesquisa é que se assume um status marcado por certa fascinação no trabalho acadêmico.

DAS ESTRATÉGIAS QUE OPORTUNIZARAM O EXISTIR COLETIVO

Lançar mão da estrutura curricular do programa de Pós-Graduação pareceu ser uma boa estratégia para a proposição de um primeiro Seminário de Estudos, reunindo o grupo de orientandos em um horário comum, desde um tema comum. Ou seja, aproveitar da estrutura curricular do Programa de Pós-Graduação em Educação que permitia a criação de seminários e dar vazão aos anseios individuais que aos poucos caminhavam na direção de um coletivo articulado sob a denominação de Grupo de Pesquisa. A novidade não está no uso da estrutura curricular, mas sim na postura que se assume, junto com os estudantes, de se colocar no lugar de quem contempla junto, procurando aprender com. O que Patricio Guerrero Arias identifica como uma

Orden civilizatorio que nos ha impuesto una matriz colonial de poder, por la que nos ha colonizado la memoria, los saberes, los conocimientos, las afectividades, las subjetividades, los imaginarios y los cuerpos, erigien do su universo civilizatorio, como el único posible y deseable; y por lo tanto, negando, colonizando, subalternizando otras formas de ser, de sentir, de pensar, de hacer, de tejer la vida (2010, p. 7).

Portanto, este pensar em uma outra direção atualizou o espírito desobediente, contribuiu para deslocar o lugar de pensar o conhecimento desde a perspectiva hierárquica para o lugar do conhecimento que se dá e se constrói na horizontalidade. Assim, o pensar desde onde se está e com quem se está, o olhar para a América Latina, para o pensamento latino-americano, para a formação de professores desde uma perspectiva mais próxima à realidade brasileira,

pareceu um caminho tão claro. Afinal, o que tanto se faz com teorias, noções, conceitos e definições que atravessam, insistentemente, mares e aportam em terras brasileiras e facilmente se instalam, atualizando a acolhida, a exemplo daquela que receberam os “visitantes ilustres”, por parte dos primeiros moradores destas terras, ao avistarem as naus portuguesas?

A busca por materiais da produção latino-americana nos fez entrar em contato com o que vinha sendo preconizado e construído, desde o final da década de 90, do século XX, pelo chamado grupo M/C (Grupo Modernidad/Colonialidad). Um grupo de pensadores acadêmicos que sob a perspectiva da descolonização, categorizada pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (1992), repensava relações, lugares epistêmicos, deslocava preocupações e atualizava em suas produções questionamentos simples, tal como a ousadia em transformar o conhecimento oficial eurocêntrico em objeto de estudo e, portanto, a partir deste deslocamento observa-se a possibilidade de rever, visitar, ou mesmo, construir modos outros de pensar, na medida do possível carregando certa originalidade: “es necesario desprenderse de las vinculaciones de la racionalidad/ modernidad con la colonialidad, en primer término, y en definitiva con todo poder no constituído en la decision libre de gentes libres” (QUIJANO, 1992, p. 19). A força das palavras estudadas em grupo impacta, promove a reflexão e induz ao questionamento. Seguimos com Quijano, procurando, traduzir neste texto, parte do que se experimentou:

Pues nada menos racional, finalmente, que la pretensión de que la específica cosmovisión de una etnia particular sea impuesta como la racionalidad universal, aunque tal etnia se llame Europa Occidental. Porque eso, en verdad, es pretender para un provincianismo el título de universalidade (1992, p. 19-20).

O acesso a uma bibliografia extensa, curiosamente disponível on-line, junto com conferências (via *youtube*), em grande parte membros do Grupo M/C foram localizados e compartilhados nos encontros do primeiro seminário. Aliou-se textos e videoconferências, aproximando autores e leitores pelo texto escrito e pela imagem. Encontrou-se na ideia de descolonização eco para aquilo que parecia emergir como um interrogante permanente. Aliado a este termo um grande volume de perguntas e dúvidas ganharam destaque. A cada contato com uma videoconferência ou texto acabava remetendo para outras tantas referências e outras possibilidades de leitura. Aníbal Quijano nos insere no debate da descolonialidade e colonialidade do poder. Ao mesmo tempo nos remete para uma preocupação da compreensão dos termos, dos conceitos, da busca por tomar parte nesta discussão, por fazer parte, tornar-se

integrante de um processo que já está em pleno movimento. Junto com estas ideias emergem questionamentos: quem somos? O que é a América Latina? Que relações históricas foram construídas e a partir de que princípios? Estas são algumas das questões que acabaram mobilizando a curiosidade, estimulando as trocas e as leituras de cada um na busca por compreensões alargadas. Entram em cena outros pensadores, desconhecidos para o grupo, tais como por exemplo: Catherine Walsh (2005) com suas “pedagogias decoloniales”. Arturo Escobar (2003) nos ajuda a compreender o nascimento da própria discussão, via a história das primeiras reuniões do chamado Grupo Modernidade Colonialidade (Grupo M/C). Walter Mignolo (2007; 2008) é provocativo com a noção de desobediência epistêmica. Como forma de construir ideias que se nutrem de outras bases, que se forjam historicamente de modos outros, capazes de alimentar e dar sustentação para povos, como por exemplo, os povos indígenas das américas ou os povos originários do continente africano vivendo a experiência diáspórica nas américas. Neste primeiro seminário, ao unificar leituras, escutas e trocas, conseguiu-se construir um objeto de estudo comum, um campo de inserção intelectual que a cada encontro nos remetia para uma inserção prática exigente, instigadora. Cientes de que sabíamos que juntos estávamos construindo pelo estudo e reflexão compartilhada. De algum modo o papel de orientador se apresentava de maneira incisiva, ainda que pautado por uma postura amparada na horizontalidade, a responsabilidade pela condução do processo, pela manutenção de uma agenda de trabalho e outras responsabilidades, próprias da orientação na Pós-Graduação, se faziam presente e cobravam empenho e dedicação. Vez por outra, interrompiam-se as “aulas” do seminário e abria-se espaço para dialogar sobre o que o próprio grupo estava desenvolvendo em suas próprias pesquisas, pois começava a fazer sentido que o vivido se transformasse em estratégia de experimentação do estudado e vice-versa. Seguindo o que indicam Costa, Silva, Souza:

O processo de orientação deve ocorrer não apenas na prática, mas também sobre a prática. Isso demanda a necessidade de vivências de experiências de orientação, como, por exemplo, a participação dos orientandos em grupos de discussão, a apresentação de suas propostas de dissertação e teses no contexto de grupos de pesquisa, relatos de experiências de formação docente, discutidos em grupo sob a supervisão do orientador (2014, p. 848).

Desse movimento iniciado, encaminhou-se para a construção do segundo seminário, e este, ingressando na categoria de Seminário Temático³, permitiu uma liberdade maior para usufruir de leituras e temas de estudo. Fez-se um esforço por conhecer as bases do pensamento descolonizador, procurando localizar os princípios que orientam e sustentam a reflexão no contexto da América Latina e Caribe. A perspectiva de uma crítica epistêmica problematizada para além da colonialidade do saber, procurando descentralizar o conhecimento eurocentrado constitui um dos objetivos mobilizadores deste seminário. Encontramos em Frantz Fanon e na leitura dos *Condenados da Terra* (1968) inspiração e ânimo, logo em Aimé Césaire com a obra *Discurso sobre o colonialismo* (1978) força e perspicácia. (Filipe) Guaman Poma de Ayala (1615?) nos surpreende, uma obra repleta de denúncia, de autonomia intelectual em um tempo improvável para quem fala desde o lugar dos colonizados. De igual maneira Albert Memmi (2007), intelectual tunisiano nos provoca com um “retrato” interior, tanto do colonizador quanto do colonizado, deslocando e realocando lugares e sujeitos.

E aquela orientação primeira a que nos referimos, carregada das belas contribuições do pensamento clássico europeu? Pode-se dizer que sofreu profundas modificações, dúvidas, opções foram sendo feitas, o texto primeiro foi revisitado muitas vezes, e quanto mais a discussão ampliava possibilidades de leitura, mais opções intelectuais de caráter político-epistêmico foram sendo realizadas. Sim, de caráter político, pois em pesquisa se trabalha com a noção de temporalidade, e nessa temporalidade o pesquisador faz opções, faz escolhas para proceder com sua investigação e dar conta dos tempos que a própria academia estabeleceu como regra para que a ciência possa avançar. Cientes disso e sem discordar, num primeiro momento deste princípio, fizemos as opções, marcadas, obviamente por princípios outros que não mais os da hegemonia de um pensamento pretensamente universal, o que no dizer de Quijano (1992) remete a um provincianismo. Portanto, havendo espaço para pensamento outros, desde outros lugares e de outros modos. A tese em construção foi sendo transformada e junto com ela a transformação de uma posição que demarcou a construção e definição de um projeto político existencial para além de uma tomada de posição acadêmico-intelectual. Em maior ou menor

³ Seminário Temático é uma das modalidades disponíveis na estrutura curricular do Programa de Pós-Graduação que permite ao docente criar de maneira livre proposta de estudos que deem conta de aspectos, dimensões ou particularidades das necessidades que as pesquisas, tanto do programa como as de seu grupo de orientandos apresentem.

grau outros do grupo foram vivendo suas experiências, alguns mais solícitos e abertos à proposição que a discussão teórica provocava, outros mais resistentes. Sem a necessidade de que todos caminhassem na mesma direção e, ao mesmo tempo, o itinerário foi sendo definido, garantindo o respeito a cada um, incluindo o próprio orientador. Para este último, um dos efeitos mais evidentes do processo do “aprender com” traduz-se na emergência da construção de um novo projeto de pesquisa, congregando as aspirações forjadas nas discussões coletivas, não mais limitadas aos interesses pessoais, como vinha sendo nos últimos anos.

O terceiro seminário proposto pelo/com e para o grupo apontou para a seguinte direção: aprofundar o tema da interculturalidade e da descolonização nos processos educativos. Compreender os processos de arquitetura da colonização e seus efeitos, que provocaram/provocam situações de discriminação, desigualdade e exclusões. Assim, se propõe desde a academia sair dela para escutar e dialogar com os saberes colocando-os para dentro dela. A educação, se apresenta neste seminário, como a estratégia que provoca, desde um espaço da geopolítica, este conhecimento “outro”, demarcado pelo diálogo de saberes na busca de alternativas em prol da descolonialidade da educação. América Latina constitui-se prioritariamente como o lugar geoepistêmico que é proposto para situar e produzir este conhecimento. Neste seminário se atravessam um conjunto de experiências que são mobilizadoras da ação-reflexão. Congressos nacionais e internacionais impelem o grupo a exposição e participação ativamente, propondo e coordenando mesas, grupos de discussão ou apresentando seus trabalhos, sempre exercitados como resultado de trabalho coletivo. Observa-se o nascimento no grupo de uma identidade coletiva, representada discursivamente por um “nós”. São vozes que produzem e atribuem sentido a um processo que foi e está sendo coletivo. Surpreendendo ao próprio grupo que se vê integrante, pertencente a um coletivo. Assim, institui-se o Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural (GPEI).

São dissertações e teses em andamento, intenções e desejos de candidatos ao mestrado e doutorado que se unem ao grupo de forma voluntária, mobilizados por interesses diversos, mas que vão encontrando sentido no que estudam, nesta dinâmica alguns permanecem, outros se vão. Experiências vão sendo vividas, sensibilidades são ativadas e a abertura para conhecer outros modos de pensar, viver e produzir o cotidiano conquistam espaço. Nas trocas intensificadas pelas descobertas, autores vão sendo introduzidos, ampliando horizontes a cada nova proposição dos Seminários Temáticos: Abdelquébir Khatibi do Marrocos nos é

apresentado através do texto de Merino (1995), resgatando termos, como foi o caso do “pensamento outro”. Continuamos conhecendo melhor Quijano (2014), nos aproximamos da ideia do *buen vivir*. Nos voltando para a construção da noção de América latina (QUIJANO, 1993; MIGNOLO, 2009). Um projeto de pesquisa é formatado pela liderança do grupo, buscando articular os referenciais teóricos, sintetizando noções fundamentais e colocando como objeto de estudo a formação de professores em experiências nos países da América Latina. Este projeto procura criar uma certa organicidade no trabalho coletivo, servindo como uma espécie de guarda-chuva para o trabalho de pesquisa em grupo (SILVA, 2016-2018). Nesta direção são aprofundados, estudados e realizados levantamentos sobre o estado da arte na área da formação de professores no contexto latino-americano, são desenvolvidos trabalhos que exploram e se dedicam à análise de referenciais, tomados como critérios de escolha o lugar de produção do conhecimento, ou aquilo que passamos a apostar como uma geopisteme, um conhecimento desde onde e com quem se está (SILVA, MACHADO, 2018, 2020).

A emergência do quarto seminário acaba por dar ênfase ao debate e às possibilidades de se produzir pesquisa desde a perspectiva descolonial e da crítica ao pensamento hegemônico ocidental. Problematiza e critica a objetividade da ciência a partir de uma geopisteme latino-americana. Este é um dos seminários que se volta para pensar o método de produção de conhecimento como borda fronteira epistemológica. A perspectiva analítica para compreender outros modos de reencontrar e produzir “conhecimentos outros”. Releitura de outros saberes e equalização. Destacam-se duas contribuições, a socióloga boliviana aymara Silvia Rivera Cusicanqui (2010) dentre um conjunto de questões que levanta, apresenta a noção de que não pode haver descolonização nem descolonialidade sem práticas descolonizadoras que traduzam efetivamente o discurso e o pesquisador argentino Daniel Mato (2014) que instiga a discussão a partir do não estudar o subalterno, mas estudar *com* os subalternos e se isso não for possível estudar as forças hegemônicas que detêm o poder.

Já nos aspectos de uma metodologia que se volta para possibilidades de produção de pesquisa desde a descolonialidade, Santos (2007; 2009) e Fals Borda, Mora-Oseja (2002) abrem a discussão nos remetendo para a ideia de uma espécie de busca de reencontro do conhecimento científico com outros conhecimentos, objetivando incorporar experiências sociais silenciadas, marginalizadas e desacreditadas (MEJÍA NAVARRETE, 2008). Ao mesmo tempo se pensa um movimento epistêmico-metodológico de giro, de virada na relação com o pensamento clássico.

É um voltar-se, no sentido que não se limita ao intelectual e metodológico, mas também no aspecto físico corporal. É uma postura de quem se volta para recuperar, conhecer e se sensibilizar por conhecimentos originados e originários de mundos outros que não os da oficialidade preconizada pelo processo colonizador eurocentrado. Emerge com força a perspectiva metodológica amparada nos princípios da pesquisa-ação e nas contribuições oriundas do campo da história oral. Um conhecimento que se produz na interação social, na presença físico-corporal do pesquisador em campo, no diálogo aberto e franco diante de um coletivo que busca por encontrar respostas a problemas que estão imbricados com todos os envolvidos. Portanto, o lugar do pesquisador clássico acadêmico se horizontaliza em uma relação no todos, contribuindo com o pensar e construir de algo outro, quem sabe, novo.

A orientação inicial, provocadora da pergunta: um pouco mais de pensamento latino-americano é possível? Nos levou para a defesa final da primeira tese de doutoramento (MENDES, 2017). E pode-se dizer que foi possível um pouco mais de pensamento latino-americano, tanto que a cada orientação observava-se a redução da presença de autores *clássicos* europeus, abrindo espaço a autores e intelectuais latinos. Uma tese que emergiu de um movimento de revisitação intelectual, de reconstrução pessoal, subjetiva e de opção marcadamente geoepistêmica. Junto a esta primeira defesa de tese outras duas dissertações (ROSA, 2017; PRETO, 2017) marcando de forma indelével o trabalho de pesquisa do grupo. Estes são trabalhos experimentais, tanto nos aspectos teóricos-intelectuais (reconstrução de projetos político-existenciais) quanto metodológicos (um estudo em andamento, inconcluso, desafiador).

Partindo do pressuposto que a inauguração de um processo brutal de colonização e subalternização de sujeitos históricos na região latino-americana, a partir do século XV, levou ao extermínio de populações e civilizações inteiras, a imposição de um modo de pensar e ver o mundo se sobrepôs de forma a negar possibilidades de viver o humano. Desse entorno emergem as questões que mobilizam o Seminário V, provocando e aprofundando os efeitos desta prática de dominação histórica, como se traduzem nas ações investigativas no campo da educação. Revisitar formas de praticar o conhecimento, deter-se na busca por modos outros de produção de saberes, estratégias de sistematização e organização do que se faz no cotidiano da pesquisa em educação, são desafios que se apresentam de forma preponderante para o estudo. Descolonização da ciência, do conhecimento e dos modos de produção da ciência, dentre os

quais estão os conhecimentos e saberes ancestrais de comunidades indígenas das Américas, África e Ásia. O *Buen Vivir, Sumak Kawsay* (QUIJANO, 2002, 2014; GONZALEZ, 2014) e *Ecología de Saberes* (SANTOS, 2007, 2009) condensam nossa atenção em um primeiro momento. No segundo, volta-se para a análise de práticas de pesquisa que tomam a cosmovisão de descolonialidade do saber, do ser e do poder como princípio para a produção de conhecimentos no campo da educação e da formação de professores. As primeiras produções do grupo constituem-se como referência básica para animar possibilidades de pesquisa, alternativas de experimentações. São trabalhos tomados para análise em diálogo com seus autores (MENDES, 2017; ROSA, 2017; PRETO, 2017). Desde então seguimos com a criação de seminários temáticos a cada semestre⁴, que tem se mostrado potente para manter o grupo articulado, produtivo e interagindo.

Atualmente o Grupo de Pesquisa em Educação intercultural (GPEI) é composto por um grupo de doutores (MUNSBURG, 2020; ALVES, 2019; FUCHS, 2019; MEINHARDT, 2018; GONZAGA, 2018; MENDES, 2017), orientandos de mestrado e doutorado, alunos de graduação, estes últimos, em sua maioria, como membros voluntários. O grupo também tem recebido e acolhe a participação de professores da educação básica e procura estabelecer vínculos com movimentos sociais, comunitários, assim como, estabelecer relações com grupos indígenas, comunidades quilombolas e organizações sociais. Composto por doutores egressos do programa, além de seu coordenador, atualmente composto por aproximadamente 30 participantes.

SOBRE AS ANDARILHAGENS: O FORTALECIMENTO DE UMA IDENTIDADE COLETIVA

Um primeiro evento que mobilizou a participação do grupo foi mobilizado pela provocação “Penso onde sou”. Inicialmente previsto para termos uma participação de 4 membros do grupo, acabaram indo dois. Este evento de caráter regional, ocorrido em uma universidade comunitária em um estado vizinho permitiu o deslocamento de dois estudantes de

⁴ Os seminários compõem a oferta curricular do Programa de Pós-Graduação em Educação e são abertos para qualquer estudante do programa, os membros do GPEI participam dos estudos regularmente. O que tem ocorrido é que aqueles estudantes que já defenderam suas teses e dissertações continuam vinculados e participando. Igualmente o seminário possibilita que professores da educação básica interessados em participar do grupo de pesquisa façam parte. Ao longo dos últimos cinco anos, está dinâmica tem se mostrado fértil e mobilizadora do coletivo GPEI.

doutorado. No retorno, além da animação pelas trocas, trouxeram na bagagem contatos, que logo no semestre seguinte se efetivaram já com a participação nas bancas de projetos de qualificação. Justamente a experiência primeira, ainda que limitada, mas produtiva, mobilizou o grupo para um segundo investimento com um resultado muito mais aglutinador para o grupo, em um total de 9 participantes em outro evento no ano seguinte, fez com que o grupo criasse as primeiras características que iriam demarcar o estilo de trabalho daí em diante. Em seguida a aposta por um evento internacional surpreendeu a todos, pois considerando questões de limitação econômica, um grupo de 6 embarcou em uma viagem para o Lima, no Peru. A semana entre mesas, grupos de trabalhos, discussões e intercâmbios permitiu ao grupo um conjunto significativo de questionamentos, críticas, deslocamentos e a procura de um lugar para produzir o discurso que se ampara nos estudos realizados até o momento. Nos posicionamos desde a América Latina, desde onde estamos para pensar com quem estamos e o que nos identifica como estudantes, pesquisadores atuantes de um projeto que foi se tornando (geo)epistêmico, político e existencial. Dos estranhamentos que este evento provocou um ganho foi justamente a consolidação de um coletivo que viveu de forma intensa durante alguns dias, conversando, trocando, discutindo e compartilhando do que se via nos espaços de discussão do evento.

Destes três eventos (regional, local e internacional) criou-se o espírito de que o coletivo que configura o grupo de pesquisa poderia deslocar-se, enfrentando e criando estratégias para vencer as barreiras econômicas. A produção de trabalhos para serem publicizados nos eventos, valorizando as coautorias acabou sendo uma das primeiras iniciativas que permitiu estimular o coletivo para uma produção pautada pela solidariedade traduzida no trabalho em equipe. Esta tem sido uma das características que o grupo se pauta de maneira produtiva. É possível destacar alguns aspectos que se evidenciaram nesta trajetória: o sentimento de pertencimento foi intensificado, solidariedade na produção via o trabalho de coautorias, partilha de descobertas teóricas e metodológicas e espírito de cuidado entre os membros do grupo.

SOBRE APRENDIZADOS: A TÍTULO DE FINALIZAÇÃO

Estar imbuído de um projeto político-existencial que articula o intelectual e ainda, alia com a dimensão profissional nos faz seguir em frente como coletivo que estuda, que investe e aposta em modos outros de pensar, viver e estar no mundo. Renovando velhas lições, atualizando projetos, renovando esperanças e apostando acima de tudo na vida (com)partilhada.

Esta síntese, talvez consiga representar o que vem se fazendo e vivendo no trabalho com o grupo de pesquisa. Nosso objetivo ao construir este texto procurou pelo resgate do que a memória elegeu para guardar, registrar e refletir sobre o processo de construção de um trabalho coletivo de pesquisa. Apresentamos a seguir alguns aprendizados que se destacaram neste itinerário experimentado.

O primeiro deles se volta para a existencialidade(s) que ganha e conquista espaço no trabalho do grupo de pesquisa. O que se observou é que na medida que os temas de estudos foram sendo focados, foram priorizados e todos passaram a estudar juntos, tanto o conhecimento sobre o tema quanto o que as trocas e as interpretações de cada um iam agregando valor e significado ao que se estudava. Não só desde a perspectiva lógica de compreensão de uma ideia, conceito ou noção, mas desde a liberdade de poder, na discussão coletiva, construir modos outros de interpretação que pelas existências garantiam envolvimento e provocavam sentimento de pertencimento a este coletivo. Espaço de encontro consigo mesmo, espaço que contribui para que se possa transitar por esperanças de outros e com os outros. Ao valorizar as existencialidades nos damos conta que esse gesto acabou por desencadear processos descolonizantes de subjetividades. Força pela vida latente que em cada um dos participantes se manifestava. O que se tornou evidente, foi que nos interessava o/a colega/parceiro/a na sua inteireza, marcado pelo vivido no cotidiano que é justamente onde a existência se revela, aqui quase pensada como uma arena em que se movimentam as subjetividades que vão sendo cons(descons)truídas.

Ao nos indagarmos sobre colonização e descolonização do saber, poder e do ser, desencadeou-se necessidades múltiplas pela busca de um vocabulário que pudesse melhor representar o que os estudos iam permitindo construir. Era preciso exercitar a escuta do outro, porque aí havia mais do que palavras sendo proferidas. Exigia um esforço, que na escuta atenta e rigorosa, procura pelo sentido do que se está desejando comunicar. Neste aspecto ainda resta investir, pois um dos maiores desafios que os trabalhos de investigação do grupo revela concentra-se no modo de produzir conhecimento, ou seja, pelo embate sobre método. Esta permanece sendo uma dimensão aberta e que cobra por investimentos de maior robustez.

Um segundo aprendizado diz respeito ao fato de dar-se conta do potencial da estrutura curricular do programa de Pós-Graduação para ser valorizado em um espaço de vivências, trocas, experimentações do fazer pesquisa em grupo. O que moveu a construção da estratégia

pautou-se no pressuposto que currículos formativos deveriam constituir-se em espaços dinâmicos e criativos, entretanto o que se observa é uma preocupação exacerbada pela manutenção do que é estável, fixo, amparando uma ilusória disciplina e organização lógica que garantiria uma formação sólida. Reflexo muito evidente de uma herança moderna/ocidental que se orienta por binarismos. Portanto, abrir espaços de vivências em um currículo, possibilitando que as existencialidades dos participantes tenham espaço para produzir o seu discurso é tomado como potente. É a vivência nesse espaço que traduz os sentidos construídos de modos diferentes e que acabam por (re)construir a ideia de um “estar no lugar”, pois se pensa, se escreve e se produz conhecimento desde onde e com quem se está.

Um terceiro aprendizado refere-se à horizontalidade nas relações, no respeito e na presença comprometida. Se a questão de “método” é desafio a ser enfrentado, o modo de relacionar-se ofereceu-se as condições para que no tempo coletivo de vivência em grupo condições, ainda que fragmentárias, de uma posição reveladora do que se investe no campo das discussões e leituras. Que sentido teria apostar na construção de outros modos de sociedade, na aposta pela valorização da vida e das diferenças se no cotidiano vivido essas apostas não são representativas? Fala-se de nosso próprio lugar e com que se está e desde este lugar distancia-se de discursos ventríloquos, muito presentes no espaço acadêmico. A horizontalidade aqui ensejada se institui pelo diálogo e pela produção de um discurso, emitida por vozes que não se igualam a ecos de um poder mantido na colonialidade. Não se quer “dar voz” nas pesquisas a representantes de grupos minoritários, se quer abrir espaço para que os representantes destes grupos emitam sua própria voz, desde onde e com quem estão. Aprender dos e com os erros, sem se preocupar com a busca ilusória de verdades universalizantes.

Finalmente, um último aprendizado, refere-se às ideias de sensibilidade e abertura. Sensibilidade para ouvir de outras fontes que não o pensamento moderno ocidental, sensibilizar por outros modos de conhecer e produzir conhecimento. É sobre esta sensibilidade que vem marcada pelo sentir que faz parte do pensar racional que veio se aprendendo. Esta dinâmica impulsionou para o que chamamos de abertura para a escuta, um colocar-se em posição de estar sendo, como bem identifica Kusch (1999). Abertura significa a possibilidade de acolher e contemplar horizontes outros, de atribuir sentido à vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. L. **Formação continuada de professores e prática docente: a pesquisa-ação como experiência formadora.** Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade La Salle, 2019.

CASTRO, E. V. **Metafísicas Canibais.** Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: UBU Editora, 2018.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo.** Lisboa: Editora Sá da Costa, 1978. Disponível em: <https://escrivencia.files.wordpress.com/2014/03/aimc3a9-cc3a9saire-discurso-sobre-o-colonialismo.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

COSTA, F. J. SOUSA, S. C. T. de. SILVA, A. B. Um modelo para o processo de orientação na Pós-Graduação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 11, n. 25, p. 823-852, set., 2014. Disponível em: <http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/638/pdf> acesso em 11/06/2020. Acesso: 16 out. 2020.

CUSICANQUI, S. R. **Ch`ixinakax utxiwa: uma reflexión sobre practicas y discursos descolonizadores.** Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. p. 53-76. Disponível em: <https://chixinakax.files.wordpress.com/2010/07/silvia-rivera-cusicanqui.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-536, Dec. 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000300002>. Acesso em: 10 jun. 2020.

ESCOBAR, A. Mundos y conocimientos de otro modo. El programa de investigación de modernidad/colonialidad latino-americano. **Tabula Rasa**, núm. 1, enero-diciembre, 2003, p. 51-86. Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca Bogotá, Colombia. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39600104>. Acesso em: 16 out. 2020.

FALS BORDA, O.; MORA-OSEJA, L. E. **La superación del eurocentrismo.** Enriquecimiento del saber sistémico y endógeno sobre nuestro contexto tropical. Bogotá: Editora Guadalupe, 2002. Disponível em: http://www.es.lapluma.net/images/stories/documents_periodicos_app/La_Superaci%C3%B3n_del_Eu_%20rocentrismo.pdf. Acesso em: 16 out. 2020.

FANON, F. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Disponível em: http://kilombagem.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/07/Os_condenados_da_Terra-Frantz-Fanon.pdf. Acesso em: 16 out. 2020

FUCHS, H. L. **A formação docente a partir de currículos decoloniais: análise de experiências instituintes em cursos de pedagogia na Abya Yala.** Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade La Salle, 2019.

GONZAGA, J. L. A. **Reestruturação curricular no Estado do Rio Grande do Sul na ensino médio politécnico**: uma possibilidade de descolonialidade do saber. Tese. (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade La Salle, 2018.

GONZALES, T. Kawsay (Buen Vivir) y afirmación cultural: Pratec-Naca, un paradigma alternativo en los Andes. In: PIMENTEL, B. M. (org.). **Buen vivir y descolonialidad**: crítica al desarrollo y la racionalidad instrumentales. México: UNAM, 2014. p. 121-139. Disponível em: <http://www.pidesoneuba.com/sites/default/files/BuenVivirDescolonialidad.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

GUERRERO ARIAS, P. **Corazonar**. Una antropología comprometida con la vida. Miradas otras desde abya-yala para la decolonización del poder, del saber y del ser. Quito: Abya Yala, 2010.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KUSCH, R. **América Profunda**. Buenos Ayres. Editorial Biblos, 1999.

MATO, D. No “estudiar al subalterno”, sino estudiar com grupos sociales “subalternos” o, al menos, estudiar articulaciones hegemônica del poder. **Desafíos**, Bogotá, v. 26 n.1) p. 237-264. 2014. Disponível em file:///C:/Users/Ferreira/Downloads/3210-11124-1-PB.pdf. Acesso em: 16 out. 2020.

MEJIA NAVARRETE, J. Epistemología de la investigación social em América Latina. Desarrollos en el siglo XXI. **Cinta de Moebio**, n. 31, mar., 2008. p. 1-13. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/101/10103101.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MENDES, P. E. **Epistemologia outra e educação intercultural como alternativa descolonial**. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade La Salle, 2017.

MEINHARDT, M. **Na contramão da lógica disciplinar**: revisitando o ensino de graduação desde a vivência da pesquisa-ação sob a perspectiva da interdisciplinaridade. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade La Salle, 2018.

MERINO, L. Lao Tsé y Abdelquébir Khatibi, articulación intertextual de um antisistema para crear um “ser” nuevo. **Contextos**, XIII, 25-26, 1995. p. 207-221. Disponível em: file:///C:/Users/Ferreira/Downloads/Dialnet-LaoTseYAbdelkebirKhatibiArticulacionIntertextualDe-98024%20(3).pdf. Acesso em: 16 out. 2020.

MIGNOLO, W. D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em Política. **Cadernos de Letras da UFF**. n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

_____. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura: un manifiesto. **Revista Telar**, n. 6, p. 7-38, 2008.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón. **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 25-45. Disponível em: <http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2020.

MIGNOLO, W. La idea de America Latina (la derecha, la izquierda y la opción decolonial). **CyE**, Año 1, n. 2, Primer Semestre de 2009. p. 251-276. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/secret/CyE/CyE2/09idea.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2020.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Tradução de Maria Luiza Xavier de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2009.

MUNSBURG, J. A. S. **Por uma proposta pedagógica na perspectiva da educação intercultural decolonizadora**. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade La Salle, 2020.

POMA DE AYALA, F. G. **Nueva coronica y el buen gobierno**. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/211687.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

PRETO, F. F. **Formação de professores, interculturalidade e educação indígena: contribuições descoloniais no espaço da escola regular**. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade La Salle, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. En: Edgardo Lander (comp.): **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 1993. p. 201-246. Disponível em: <http://www.clacso.org/wwwclacso/espanol/html/libros/lander/10.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

_____. Colonialidad y Modernidad/racionalidade. **Peru Indígena**, 13 (29), p. 11-20., 1992. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

_____. " Bien Vivir": entre el " desarrollo" y la Des/Colonialidad del poder. **Horizontes Sociológicos**, n. 1, p. 25-38, 2015.

_____. **(Des) colonialidad y bien vivir. Um nuevo debate em América Latina**. Peru: Editorial Universitária, 2014. pp. 19-33. Disponível em

<http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D9666.dir/eje3-10.pdf>. Acesso em 16 out. 2020.

_____. Colonialidad, poder, globalización e democracia. **Novos Rumos**, v. 17, n. 37, p. 4-28, 2002. Disponível em:
<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2192/1812>. Acesso em: 16 out. 2020.

ROSA, C. S. **Toda a idade é certa se a educação é ao longo da vida: horizontes de(s)coloniais para política de educação de jovens e adultos**. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade La Salle, 2017.

SANTOS, B. de S. **Una epistemología del sur: la reinención del conocimiento y la emancipación**. México: Siglo XXI-CLACSO, 2009.

SANTOS, B. de S.; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

_____. Para além do pensamento abissal. Das linhas globais a uma ecologia dos saberes. **Novos Estudos**, n. 79, nov., 2007. p. 71-94. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2020.

SILVA, G. F. **Do multiculturalismo à educação intercultural: estudo dos processos identitários de jovens da escola pública na região metropolitana de Porto Alegre**. Tese. (Programa de Pós-graduação em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Porto Alegre, 2001.

_____. **Interculturalidade e formação de professores na América Latina: programas, avanços e perspectivas desde Brasil, Chile, Argentina e Colômbia**. Projeto de Pesquisa. CNPq/Universidade La Salle-Canoas (2016-2018). p. 34.

_____; MACHADO, J. A. Saberes em diálogo: a construção de um programa de formação docente em uma rede municipal de ensino. **Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação**, v. 77, n. 2, 2018. p. 95-114. Disponível em:
<https://rieoei.org/RIE/article/view/3161/3978> acesso em: 16 out. 2020.

_____; MACHADO, J. A. “Saberes em Diálogo”, um programa de formação continuada em rede: Universidade e Educação Básica. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, 28(68), 2020. Disponível em: <http://epaa.asu.edu/ojs/article/view/4937>. Acesso em: 16 out. 2020.

WALSH, C. Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad. **Signo y Pensamiento**. n. 46, v. XXIV, enero-junio, 2005. p. 39-50. Disponível em:
<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/signoypensamiento/article/viewFile/4663/3641>. Acesso em: 16 out.2020.